TEXTO PARA DISCUSSÃO

1981

Rio de Janeiro, junho de 2014

SUMÁRIO EXECUTIVO

CICLO ECONÔMICO, EMPREGO E DESIGUALDADE

Marco A. F. H. Cavalcanti
Técnico de Planejamento e Pesquisa e diretor adjunto da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

Ajax R. B. Moreira
Coordenador de Economia Financeira da Dimac do Ipea.

O nível de emprego e o padrão de distribuição de renda de um país são condicionados por tendências de longo prazo e por flutuações transitórias de curto prazo. As tendências de longo prazo têm sido extensamente estudadas e dependem, de acordo com trabalhos recentes, de fatores como a complementaridade entre as novas tecnologias e a maior qualificação dos trabalhadores, o aumento do grau de escolaridade da população e a redução do tamanho das coortes demográficas mais jovens, bem como de políticas de transferência de renda e de valorização do salário mínimo (Krusell, Ohanian e Rios-Rull Violante, 2000; Barros, Foguel e Ulyssea, 2006). No Brasil, estas tendências promoveram uma redução expressiva do desemprego e da desigualdade na última década.

Este trabalho analisa, para o caso brasileiro, os condicionantes transitórios dos níveis de emprego e distribuição de renda do país, utilizando os microdados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para avaliar os efeitos de choques macroeconômicos sobre o emprego e a desigualdade de renda de diferentes segmentos sociais, com foco na possível heterogeneidade destes efeitos. Espera-se que alterações em variáveis macroeconômicas como o nível de produção, a taxa de inflação e a política monetária afetem não apenas os níveis agregados de emprego e renda, mas também as demandas setoriais e os preços relativos, modificando as demandas por trabalho com graus diferenciados de qualificação e experiência e, portanto, afetando desigualmente os trabalhadores. O mais qualificado e com mais treinamento formal tem custo de reposição – contratação e treinamento – diferente daquele com menos experiência e treinamento (Agenor, 2001). Isso faz com que alterações transitórias tenham efeito diferenciado por tipo de trabalhador. Além disso, os trabalhadores têm rendas permanentes diferentes, o que condiciona a sua capacidade de negociar o contrato de trabalho e, potencialmente, também diferencia entre segmentos sociais os efeitos de choques econômicos transitórios. Castaneda, Diaz-Gimenez e Rios-Rull (1998) utilizam um modelo teórico calibrado para os Estados Unidos para mostrar que processos de empregos diferenciados segundo a qualificação do trabalhador são suficientes para explicar a relação entre o ciclo econômico e a flutuação da desigualdade da renda naquele país.

Foram identificados quatro choques agregados, estatisticamente independentes entre si por construção: *i)* choque de demanda, que afeta positivamente todas as variáveis macro; *ii)* choque de oferta (que pode ser interpretado como de redução da produtividade agregada), que reduz o grau de utilização da capacidade e aumenta a inflação e a taxa de juros; *iii)* choque monetário, que reduz o grau de utilização e a taxa de inflação e aumenta a taxa de juros; e *iv)* choque social, que representa inovações adicionais contidas no indicador social em estudo.

Os principais resultados são estes, a seguir.

1) Desagregar os indicadores tornou possível estabelecer uma relação entre os indicadores e os choques identificados. Isso mostra que a segmentação dos indicadores, além de avaliar a heterogeneidade dos efeitos do ciclo, incorpora informações que possibilitam

estabelecer uma relação significativa dos indicadores sociais com o ciclo econômico.

2) Em todos os casos, os choques macroeconômicos explicam, conjutamente, mais do que 50% da variância prevista para doze meses dos indicadores sociais, o que mostra a relevância do ciclo na explicação da flutuação destes indicadores.

3) Foi possível estimar efeito significativo dos choques macroeconômicos apenas para os indicadores sociais relativos aos trabalhadores.

4) O choque de demanda é o mais relevante em todos os casos e resulta em funções de resposta a impulso (FRIs) com o maior número de elementos não nulos. Aumenta o emprego e a renda do trabalhador.

5) Os choques têm efeito heterogêneo entre os grupos, sendo possível estimar, em muitos casos, a diferença entre grupos, de forma estatisticamente significativa.

6) O choque de demanda aumenta o emprego em até 0,86% e a renda real em até 1,4%. Os choques de oferta e monetário têm efeitos de menos magnitude sobre todos os segmentos.

7) O efeito do choque de oferta é o único relevante para a contribuição da desigualdade. Tem efeito significativo sobre a maioria dos segmentos e das diferenças entre segmentos.

O objetivo de estimar a resposta dos segmentos e a heterogeneidade das respostas foi atendido, reportando as respostas estatisticamente significativas de cada choque macro sobre o emprego, a renda e a contribuição para a desigualdade de cada segmento e identificando os segmentos que têm o emprego ou a renda ou a desigualdade mais vulneráveis a cada choque identificado. Esses resultados deixam questões em aberto. Avaliar a robustez dos resultados, compreender a expressiva diferença de magnitude entre os choques identificados, melhorar a construção dos indicadores por domicílio para torná-los sensíveis aos choques e explicar a relação entre a maior vulnerabilidade e as características de cada segmento.

É interessante notar que os choques macroeconômicos tiveram efeito nulo sobre os indicadores sociais agregados nos modelos autorregressivos vetoriais padrão – Vector Autoregressive Model (VAR) –, mas apresentaram efeitos estatisticamente significativos sobre os indicadores desagregados por segmentos nos modelos autorregressivos vetorais de fatores – Factor-Augmented Vector Autoregressive (Favar). Este resultado sugere que estudos que considerem explicitamente a possibilidade de efeitos heterogêneos entre diferentes grupos sociais podem identificar impactos que a análise agregada pode ser incapaz de detectar. O instrumental analítico apresenta, assim, potencial para outras aplicações, por exemplo, na discussão dos efeitos das transferências sociais. Apesar de a PME não coletar informações sobre estas trasnferências, o efeito destas sobre o mercado de trabalho pode ser medido. No aspecto estritamente metodológico, seria interessante analisar o efeito conjunto de duas famílias de indicadores – emprego e desigualdade, ou emprego e renda real.